

rales, de la periodificación histórica y actualidad del Derecho Romano, trata de las fuentes (costumbre, leyes, senado-consultos, Jurisprudencia, edicto, el *Corpus Iuris*). Pero el autor ha tenido la habilidad de introducir, a propósito de estas nociones históricas generales, muchas y hasta desarrolladas referencias a las instituciones, con lo que se pronuncia quizá una nueva forma en la que la exposición de instituciones ocupe el lugar más natural que francamente le corresponde.

Yo no me atrevería a decir lo que voy a decir sobre el defecto de la aludida tendencia que ha sufrido la enseñanza del Derecho Romano en Portugal—nación por cuyas tradiciones siento un profundo respecto—, si no fuera porque se trata de un defecto que ha sido muy común, y que también hemos padecido en la vecina España, hasta la rectificación que se introdujo a partir de un manual de gran difusión desde los años 40, el del Dr. Arias Ramos. Todo partía del error de que, no siendo el Derecho Romano un derecho positivo, era inútil estudiar las instituciones y valía más dejarlo reducido a una referencia de carácter histórico, que podía anexionarse incluso a la propia historia del derecho nacional, que también ella era una historia de fuentes, con alusiones a algunas instituciones públicas, pero nunca una historia del derecho privado. La verdad es que, con tal planteamiento, la enseñanza del Derecho Romano carecía de verdadero sentido en el plan de estudios de un jurista de nuestros días, y de ahí cierto desprestigio que pudo afectar a veces el Derecho Romano, y que, actualmente, el ansia de reformas, muchas veces insensata, que la UNESCO, por una u otra vía, quiere promover, pretende aprovechar para lograr una supresión de tal enseñanza, dentro de la revolución antihumanista que quiere dominarnos.

Un análisis más perspicaz de la cuestión lleva a la conclusión de que la virtud del estudio del Derecho Romano está precisamente en prevenir al jurista moderno contra la estrechez mental que produce inevitablemente un estudio del derecho positivo exclusivamente. En consecuencia, son las

mismas instituciones del derecho privado las que más importa estudiar, esto sí, con criterio histórico, pero sin perder de vista que no se trata de dar un cierto barniz cultural a los estudiantes de Derecho, sino de penetrar en lo más profundo de su mentalidad profesional para que luego sepa utilizar los datos del derecho positivo con la dignidad y el dominio de un jurista verdadero, y no como pedisecuos esbirros del dictador legislativo, como puede serlo también un democrático parlamentario. Se trata, pues, de defender la dignidad de la profesión de jurista, y por ello la necesaria colocación de ese estudio en el primero año de la Facultad: antes y no después de estudiar el derecho positivo.

Aunque la necesidad, la rutina, el afán de revolucionarlo todo y otros factores puedan perturbar esta necesaria «palingenesis» de la enseñanza del Derecho Romano, no cabe duda de que ésa es la recta vía por la que debemos marchar. En este sentido, el libro del Dr Cruz es como una aurora llena de esperanza.—A. d'ORS.

SEBASTIÃO CRUZ, *Ius. Directum* (Directum) — *Dereito* (Derecho, Diritto, Droit, Direito, Recht, Right, etc.). 1 vol. de 74 páginas. Distribuidor: Sólivos em Portugal de David Jorge Pereira. Trofa-Minho. Coimbra 1971.

Por que razão uma palavra tão importante e compreensiva como *ius* desapareceu da linguagem comum, se não foi por algum cultismo como «jurista», «jurisprudência» ou por algo semelhante? Por que razão, de um modo tão uniforme, aquilo que se chamava o *ius* veio a chamar-se o «recto», o «direito», e não só nas línguas românicas, que partem do baixo latim *directum*, mas também nas línguas germânicas que recorrem à voz equivalente de «richt», donde «Recht», «right», etc?

Não é inexacto dizer que essa perda e substituição se deve a um vulgarismo cristão, a uma dissolução da técnica—da *ars iuris*—no novo mo-

ralismo. O formalmente ajustado, que isso é precisamente o *ius*, foi suplantado pela conduta *recta*, a que segue sem desvios o caminho que conduz a bom fim, a via *recta* — *pes meus stetit in directo*...

Este é um acontecimento da mais alta importância para a história espiritual e cultural, e, naturalmente, também para a história jurídica.

O Padre Sebastião Cruz, que já tinha escrito, há alguns anos (Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra, 61 [1966] 43-156) um breve artigo sobre o tema, apresenta-nos agora um desenvolvimento cabal da sua investigação, a mais completa exposição que existe sobre este importante tema, em forma de «relección compostelana»; e nada há mais grato para quem assina esta recensão do que essa forma pela qual se reconhece generosamente o estímulo de uns anos de convívio naquela excepcional sede universitária de Santiago. A dedicatória delicada do autor reza assim: «A la Facultad de Derecho de Santiago de Compostela, a la que más quiero después de la mía». A sua, naturalmente, é a comimbricense.

O autor começa pelo estudo da palavra *ius*; trata a seguir dos símbolos da justiça no mundo grego e romano, e dos termos correspondentes, para terminar com o novo sentido de *directum*. Interessa traduzir aqui a sua conclusão: «É deste *directum* (*directum*), de fundo religioso, carregado de *moral* e cristianizado, que procede o «Direito» dos povos de língua românica, e portanto a nossa concepção de Direito, em que o Direito é tão moral, que deixa de ser «jurídico», se atentar abertamente contra a Moral» (p. 58).

Não poderá deixar de interessar este estudo aos teólogos, para os quais o Direito é sempre uma parte da Moral, da Teologia Moral concretamente. E, não obstante... o verdadeiro Direito — o *ius* — é coisa distinta da Moral. Porque a Moral radicaliza o juízo de conduta nas mais íntimas motivações da consciência, enquanto o Direito não pode calar tão fundo e deve ater-se a formas, isto é, a condutas externas. Para o moralista, a esmola do fariseu é uma hipocrisia; para o jurista é uma doação como outra qualquer.

Só no julgamento divino se chegará a identificar o Direito com a Moral, porque tal julgamento pode penetrar com absoluta segurança até ao fundo das consciências e não tem de parar em formas. E aí está precisamente a culminação do Direito Divino, que, na sua versão mitigada para os infieis, podemos chamar natural.

O *directum* reflecte assim um conato cristão de superar o formalismo do *ius* por uma visão mais profunda e divina, um conato que eleva tanto o ponto de mira para discriminar as condutas quanto arruina a congruência da *ars iuris*. Mas só um conato, pois, apesar da nova veste moral, o novo *directum* teve de voltar à ciência do antigo *ius* para recuperar a sua dignidade. Isso é o que chamamos de um modo ou de outro «Recuperação», isto é, recuperação da *iuris prudentia*, necessária para dar consistência ao novo *Directum*. — *Alvaro D'Ors*¹.

¹ Esta recensão sai simultaneamente em *Ius Canonicum* e *Theologica*. A tradução portuguesa é de Silva Marques.